



Literatura de Protesto: Jorge Icaza e a Questão Indígena Equatoriana

Rafael César Pitt

Membro do Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos/UFJF

Membro do Núcleo de Pesquisa sobre Madame de Staël e o Romantismo/UFJF

Aluno do Curso de Especialização em Ciência da Religião/UFJF

rafaelpitt@yahoo.com.br

Introdução

Este trabalho tem o intuito de delimitar o fenômeno patrimonialista na obra *Huasipungo*⁴¹ de Jorge Icaza (1906 - 1978). Como se trata de uma obra literária houve a intenção de não reduzi-la a conceitos sob pena da dinamicidade da narrativa. Uma obra literária não é uma obra filosófica, se se entender por esta uma arquitetura rígida de conceitos. Diferentemente, a obra literária é sempre amálgama, arte sintética e inovadora das palavras. Foi com este pano de fundo que analisamos a obra em sua própria história e desenrolar dos fatos, e nos atemos especificamente na peculiar maneira de Icaza, às vezes irônico, às vezes cínico, de apontar o fenômeno patrimonialista.

Jorge Icaza foi um homem branco, médico que abandonou o juramento de Hipócrates para aderir ao teatro, nascido na capital (Quito) e de arguto olhar às

⁴¹ ICAZA, Jorge. *Huasipungo*. Lisboa: Edições 70. 1980.

contradições da sociedade equatoriana. Sua origem na classe média o aproximava dos índios colonizados por sua crítica, seu olhar clínico e dissecador sobre o fenômeno político. Esta obra, escrita em 1934, foi o primeiro romance de sucesso do autor. Outros, seguidos a este, confirmaram seu talento e sua projeção internacional como grande romancista equatoriano. Buscaremos em nosso texto espelhar a crítica do autor quando se referir ao que entendemos como consequência e ou característica do modelo patrimonial de poder. Nossa hipótese é de que Icaza, em sua narrativa literária, nos possibilita facultar, em meio aos fatos e circunstâncias dos personagens, não apenas tópicos conceituais do patrimonialismo, mas mesmo sua efetividade em uma sociedade histórica – em questão, a equatoriana.

A Cooptação Patrimonial

À obra! Dom Alfonso Pereira é o senhor patrimonial local entorno do qual a maior parte da história se desenrola. Seu tio, Júlio, é o grande latifundiário equatoriano que, em acordo financeiro com o capital estrangeiro (representado por Mr. Chapy), patrocina a ascensão de dom Alfonso ao cenário político. Dom Alfonso, até então, não imaginava o que iria acontecer. A doação do huasipungo por tio Júlio (região no sopé montanhoso em que os índios *quichuas* residiam em suas cabanas), justamente a quem arrolava uma alta dívida lhe é surpreendente! Diz tio Júlio a seu sobrinho:

Há três semanas que se venceu a letra de dez mil *suces* que me debes. Não quis actuar, porque temos entre mãos um projecto que nos enriquecerá a todos. Deslocámo-nos por três vezes a Cuchitambo, em viagem de exploração. Faz pena ver como tudo aquilo está abandonado. - Com ar paternal, o velho acrescentou: - Se quiseres pensar a sério e seguires as minhas indicações e de Mr. Chapy...⁴²

Sabemos por (VÉLEZ, 2006) que “o patrimonialismo é caracterizado por Weber

⁴² Id., Ibid., p. 13.

como aquela forma de dominação tradicional em que o soberano organiza o poder político de forma análoga ao seu poder doméstico”⁴³. Nesta tipologia fica evidente a unipessoalidade na qual tio Júlio exerce sua influência, a maneira pela qual inverte um assunto público em privado. A cooptação do sobrinho através da oferta de prestígio e ascensão social – diga-se a propósito – advém não do resultado de um trabalho produtivo e inserido num contexto democraticamente representado, mas sim da defesa dos interesses de tio Júlio. Dom Alfonso, seu sobrinho e devedor, lhe serve bem ao préstimo, ou seja, à obediência pessoal.

Em prol do título de proprietário de terras, Dom Alfonso receberá a missão de construir uma estrada que ligue a província ao centro do país entrecortando toda a montanha. O objetivo maior é a expulsão dos índios dali para a extração de petróleo (esta sim a fonte de todo o lucro desejado por Mr. Chapy). Dom Alfonso sabe que não será fácil. Os *quíchuas* são profundamente arraigados a seu terreno e sua cabana (o *huasipungo*), contudo, pelo *status* adquirido, aceita.

Algo mais pode ser dito sobre esta maneira unipessoal de utilização do poder. Acreditamos que esta prática traz à sociedade em geral alguns vícios, por exemplo, o enfraquecimento do sistema representativo, na medida em que o poder não se concentra nas mãos dos mais capazes ou aptos, mas sim naquelas mãos de quem ascendeu ao poder mediante favorecimento particular (notadamente durante o segundo mandato do PT com Lula ao poder pulularam os favorecidos com “dinheiro na cueca”). A expressão popular “ter Q.I.” = “quem indica” expressa bem este problema. Estes sujeitos escondem-se, fogem das câmeras e da publicidade porque não possuem representatividade, não estão no poder pela escolha livre e democrática da sociedade, pelo contrário, estes sujeitos sabem que a usurpam e, como tais, não podem ser pegos ou vistos com dinheiro. Claro, não estamos aqui atribuindo ao patrimonialismo *toda* a responsabilidade por *vários* problemas da sociedade brasileira, mas apenas para reconhecer que o patrimonialismo tem seu quinhão de responsabilidade. Não é suficiente para isto reconhecer que há um hiato entre a moral e

⁴³ VÉLEZ RODRÍGUEZ, Ricardo. *Patrimonialismo e a realidade latino-americana*. Rio de Janeiro: Documenta Histórica, 2006, p. 13.

a política brasileira, entre a sociedade e a casta política – na opinião popular – um “bando de ladrões”?

O Apelo Humano

A crítica de Icaza espelha também a formação profissional do autor. Reincidentemente na obra encontramos a ironia, o cinismo, o incômodo e o apelo a serviço da medicina quanto as condições higiênicas dos índios. São os insetos, os vermes, a sujeira na roupa e no rosto, as pulgas, os piolhos e infecções (da epiderme ou internas), a diarreia que escorre pelas pernas (e que é pacientemente lambida pelo cachorro), o

Grito do homem – como trovão de Deus para o medo infantil – deu lugar a uma pausa de espanto e tudo se tornou claro no quadro que se estendia sob a cerca e nas proximidades da sanja. A imobilidade das primeiras audácias vitais, das primeiras audácias limitadas pela cinta e pela baeta – tecido pelas próprias índias. A imobilidade para atenuar a cólica produzida pela *mazamorra* guardada e as papas frias. A imobilidade que dissimula e oculta a hediondez de secreções de vinte e quatro horas, que escaldam barbaramente a pele nas pernas e traseiro. E a liberdade de brincadeira dos mais crescidos, maquinando quinquilharias de barro, excrementos e urina, no molde das mãos quase cubistas. A liberdade para disputarem à dentada, entre lágrimas e ameaças, o miserável brinquedo. E a aflição de um *longuito* de seis anos – agachado sob o poncho, em posição de chocar a melhor surpresa para se levantar, com os calões na mão, do assento em que fica uma mancha sangrenta de disenteria. A aflição de se refugiar entre a erva e esmagar, estendendo-se de bruços, a dor que morde nos intestinos, exibindo o rabo sangrento como um botão vermelho que contempla o céu.⁴⁴

Por sua vez, na falta de higiene e sentido humano o modo de vida *quíchua* é retratado através do personagem Andrés Chiliquina. A primeira característica que Icaza nos mostra mais detalhadamente é o aspecto bruto e doloroso do ato sexual índio. Andrés

⁴⁴ ICAZA, Ibid., p. 35-36.

quando se aproxima de sua amante, Cunshi, a agarra violentamente e a joga ao chão. Ali, de pé diante da mulher acorçada, agarra um pedaço de pau e a espanca com ferocidade. Cunshi, por seu turno, não resiste. Pelo contrário, em seu íntimo, agradece. É desta maneira que se sente mulher.

Por fim, ensangüentados e ofegantes, ele e ela caíram junto da fogueira, convertendo-se num nó de ternuras selvagens. O pranto de Cunshi apagou-se lentamente ao sentir-se fêmea aberta pelo sortilégio do sexo. Esgotados, adormeceram, cobrindo-se com os próprios corpos, com o poncho empapado de lama do páramo e a fúria dos piolhos.⁴⁵

Outra característica que Icaza nos apresenta é a resistência lingüística que os *quíchuas* desenvolveram contra os colonizadores espanhóis. O autor nos oferece ao fim de sua obra um glossário em que resvalamos neste universo hermético, codificado, em que a troca de sílabas específicas (por exemplo, “o” por ‘u’, “e’ por ‘i”, “ll” por ‘sh’) abria nas conversações entre espanhóis e *quíchuas* uma margem maior para estes últimos. Contudo, de uma maneira geral, os índios eram muito influenciados pela estrutura espoliativa.

A Aliança Política com a Igreja

Na história do Brasil, país também marcado pela cultura patrimonialista, encontramos, grosso modo, uma posição de indiferença da instituição religiosa dominante quanto à prática política. Apenas para ilustrar, a Igreja Católica desde a Proclamação da República passou incólume de um Getúlio Vargas a um período militar de repressão. No Equador há uma diferença sensível a este respeito que Icaza trabalha muito bem. Ali o poder clerical está lado a lado com as intenções políticas, ou seja, deseja e opera no sentido de conquistar o *huasipungo*. O cura, como é chamado o pároco, não somente profere sermões aliciantes de trabalho árduo (a mando de tio Júlio), mas inclusive vende prendas e

⁴⁵ Id., p. 27.

amuletos para garantir “favores no outro mundo”, além de justificar fenômenos naturais a seu poder de reza e intervenção para com Deus (ameaçando os índios de “trovoadas” e “tempestades” caso não obedecessem) e, ainda, se aproveita sexualmente de índias supersticiosas.

O cinismo com que Icaza nos narra os acontecimentos é tal que por vez corremos o risco de não percebemos o que ele está insinuando. Melhor exemplo não há do que a morte, narrada promiscuamente, do bebê índio que ficou sem leite porque sua mãe foi por Dom Alfonso selecionada para amamentar o bebê de Dona Blanca, sua esposa. O foco da narrativa recai fortemente sobre a necessidade de amamentar o futuro herdeiro, além do claro sofrimento de Dona Blanca para com a condição de sua cria. O filho da índia? Bem, este conheceu bem cedo que com o patrão não se compete.

O *guagua* rosado esvaziava os seios da índia cada três horas com chupadelas vorazes, apoderando-se inconscientemente da miserável ração do filho da *longa*. O sorriso do bebê parecia desafiar todos os recém-nascidos da comarca para uma maratona de mamada. Em poucos meses, o seu primeiro competidor ficou reduzido aos ossos.⁴⁶

O Insolidarismo Social, o “Espírito de Clã” e o “Estamento Burocrático”

O patrimonialismo também enseja um outro tipo de vício social, a saber, não há uma consciência coletiva de *com*-pertença a um todo público. Vélez nos resume bem este complexo de clã.

Esse complexo consiste em estender a solidariedade social só aos membros do clã parental ou político. Produz, em primeiro lugar, o insolidarismo, responsável pela fragilidade do tecido social e, em segundo lugar, enseja a

⁴⁶ Id., p. 33.

tendência privatizante do Estado “para beneficiar amigos e lascar inimigos”, conforme reza o ditado popular. A prática do nepotismo e do clientelismo constitui o principal caminho por meio do qual se efetiva a privatização do Estado.⁴⁷

A estrada que Dom Alfonso almeja construir montanha adentro é, em planejamento, útil apenas a poucos. Não trará um *feedback* social, não beneficiará a comunidade local, apenas favorecerá a si, a seu tio Júlio e seu amigo Mr. Chapy em seus planos petrolíferos. No Brasil não é distante este “espírito clânico”. Em paralelo à história de Icaza, a quantidade de obras superfaturadas, ou o irmão do presidente Lula envolvido em escândalo de tráfico de influência não denotam, imiscuídas, as premissas do favorecimento a alguns poucos amigos?

Outro elemento patrimonial trabalhado por Vélez e incidente na obra de Icaza é a classe intermediária entre o senhor patrimonial e os índios, o “estamento burocrático”. A função desta casta é preencher a lacuna existente entre a sociedade legitimamente representada e o poder público estabelecido. Neste papel são os intermediadores entre a vontade do patrono e o cumprimento desta vontade, concomitante ao recebimento de favores (uma espécie de nobres burocratizados!) para manter a ordem do senhor patrimonial em andamento.

Ao lado da organização do poder político, segundo o modelo doméstico, é igualmente essencial ao patrimonialismo a estruturação do quadro administrativo, por intermédio do qual se exerce a dominação. Quando esse quadro recebe do soberano, ou conserva, com o consentimento dele, determinados poderes de mando e suas correspondentes vantagens econômicas, temos o que Weber chama de *dominação estamental*.⁴⁸

⁴⁷ VÉLEZ, Ibid., p. 69.

⁴⁸ Id., p. 13.

Últimas Palavras

O fenômeno patrimonial é largamente estudado pela escola weberiana brasileira. O uso de alguns conceitos desta corrente aqui neste trabalho já possibilita ao leitor sua própria crítica acerca da validade dos mesmos. Será que algum brasileiro acha estranhas estas idéias? Que elas não representam uma realidade cotidiana, banal até? Perniciosa, viciosa nas contratações por Q.I., nos concursos fraudados, nos gabinetes políticos recheados de parentes e prefeitos analfabetos!?

Enfim, que não pesem estas idéias e teorias políticas, a obra de Jorge Icaza merece o reconhecimento e a leitura – por seu valor literário e artístico, humano e consciente. A tradução para o português está por conta da Edições 70 e pode ser facilmente encontrada.